



Balanço Econômico 2015 e Perspectivas 2016

Avaliação do setor de borracha do Rio
Grande do Sul

São Leopoldo, abril de 2016



1. Sumário Executivo

2. A economia brasileira em 2015

- ***O setor de borracha no contexto nacional***

3. O Rio Grande do Sul em 2015

- ***O setor de borracha gaúcho***

4. Perspectivas 2016



SUMÁRIO EXECUTIVO

O ano de 2015 se iniciou com muitas incertezas políticas e dificuldades na condução da economia por parte do Governo Federal. Com a perda de popularidade da recém empossada presidente, do partido no poder diante das denúncias na justiça além da piora gradual dos indicadores econômicos, essas ***incertezas aumentaram***.

A crise econômica se agravou ainda no primeiro semestre do ano e o setor mais atingido foi a indústria, com destaque para o metalmeccânico. Apesar do leve aumento da taxa de desemprego, a piora mais significativa dos indicadores sociais ocorreu apenas no segundo semestre. Com a queda da atividade econômica e a ***perda de apoio no Congresso***, os desafios no campo fiscal se avolumaram, culminando na perda do grau de investimento e dificultando ainda mais o enfrentamento da crise por parte do Governo e das empresas. O ano de 2015 se encerrou sem que essa incerteza fosse dissipada e carregou para 2016 a perspectiva de ***continuidade do cenário de recessão***. As previsões apontam para uma retração de 3,6% no PIB em 2016, o que deve agravar ainda mais os problemas sociais.

A economia do ***Rio Grande do Sul*** sofreu os mesmos choques que a nacional atingindo fortemente o setor industrial que teve uma retração histórica. O contraponto de 2015 foi o bom desempenho da agropecuária, que ajudou a conter uma queda maior do PIB ficando levemente abaixo do verificado no Brasil. Mas tal como no cenário nacional, o Estado se viu envolto em dificuldades fiscais que contribuíram para reduzir o poder de ação para conter o impacto da crise.

A perspectiva para 2016 é de continuidade de uma atividade econômica fraca e ***piora nos indicadores sociais***, com o PIB tendo uma performance próxima a nacional. Esse cenário também atingirá o setor de borracha, tanto no Brasil quanto no Estado.



A ECONOMIA BRASILEIRA EM 2015

O ano de 2015 iniciou com a sensação de que o país poderia ter novo rumo na condução da economia com a nomeação de um Ministro da Fazenda que tinha compromisso com a austeridade fiscal e transparência na gestão, dando fim à maquiagem das contas públicas que foram recorrentes nos anos anteriores¹. Essa sensação de rompimento com o modelo anterior, também conhecido como "nova matriz econômica", criou um ambiente favorável no curto prazo entre investidores e analistas econômicos.

Porém, na medida em que o *cenário político* começou a ficar mais delicado, principalmente com o avanço das manifestações públicas contra a Presidente e os desdobramentos das investigações no âmbito da Polícia Federal, a gestão da política econômica também ficou mais difícil. Os números ruins da economia alimentavam a crise política que, por sua vez, também alimentava a crise econômica. Um dos grandes erros estratégicos naquele momento foi a insistência, por parte do governo federal, em promover um ajuste fiscal concentrado no aumento das receitas. Durante várias semanas o Governo tentou emplacar, a todo custo, a aprovação de novos tributos, como a CPMF. Porém, tal proposta esbarrava na vontade do Congresso em aumentar impostos em meio a desaceleração da economia, aumento da taxa de desemprego e uma já elevada carga tributária. Essa medida também não encontrava eco na opinião pública.

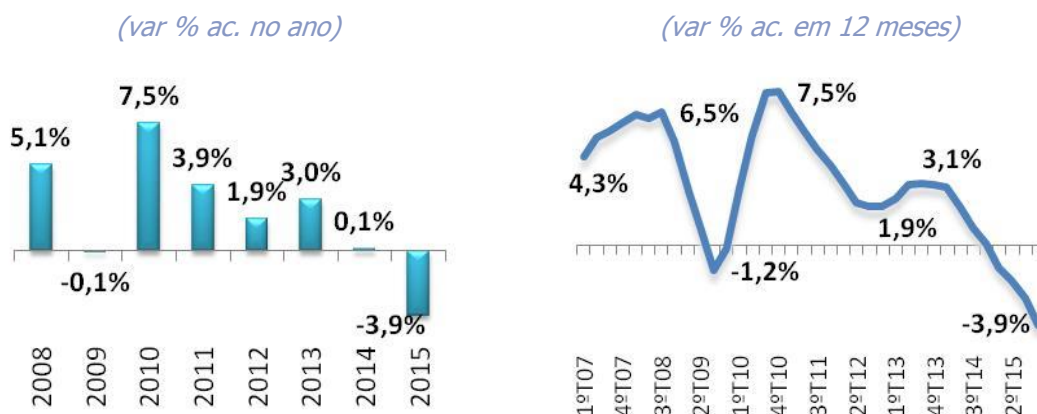
A perda de eficácia na gestão fiscal, de um lado, teve que ser compensada com mais rigor na política monetária, principalmente para ancorar as perspectivas inflacionárias em um ambiente de desvalorização da taxa de câmbio e perda de confiança de investidores nacionais e internacionais. ***A deterioração das contas públicas*** foi rápida e intensa, com a efetivação de uma sequência de vários meses de déficit primário, algo que não acontecia há muitos anos. Apenas como ilustração, em apenas quatro meses, entre maio de 2015 e agosto do mesmo ano, foram acumulados R\$ 32 bilhões de déficit. O

¹ Ministro da Fazenda durante o ano de 2015, Joaquim Levy.

passo seguinte nessa crise seria, diante desse cenário, a perda do grau de investimento. E ele veio ainda em setembro (09), quando a agência de classificação de risco Standard & Poor's foi a primeira a rebaixar a nota do Brasil de BBB- para BB+, adicionando mais ingredientes negativos no cenário macroeconômico e político que já se encontrava deteriorados. Vale destacar que durante o ano por pelo menos três vezes o Governo foi obrigado a desmentir colocações de que o *Ministro da Fazenda estava demissionário*, gerando ainda mais volatilidade na taxa de câmbio e nos juros e aumentando a aversão ao risco.

Ao fim do ano de 2015 ficou a sensação de que nem todos os impactos negativos que eram esperados atingir a economia brasileira haviam se esgotados. Foram quatro trimestres consecutivos de queda do PIB quando medido em relação ao trimestre imediatamente anterior, um *recorde de recessão para o Plano Real*, e com uma retração de **-3,9%**. A despeito dessa forte retração, o que era mais crítico ainda é que os dados de conjuntura continuavam a sinalizar que a crise ainda seria longa.

Evolução do PIB do Brasil



Fonte: IBGE

Ao analisar a evolução histórica do PIB do Brasil acumulado em 12 meses podemos ver de forma nítida que, desde 2010, que a economia do país perde dinâmica. Difícil acreditar que tal movimento tenha passado despercebido pelos gestores públicos. Mas ocorreu *à sombra da crença* da ala heterodoxa



no poder de que um modelo de Estado gastador e intervencionista e uma economia fechada seria o ideal. Não bastou muito para a realidade mostrar que, mais uma vez na história, não há mágica em economia e que as intervenções feitas principalmente no ambiente microeconômico, como as reduções de impostos pontuais e temporárias mais distorciam que geraram competitividade.

O resultado final foram contas públicas desarrumadas com o maior déficit fiscal da história do Brasil, uma dívida interna crescente e quase que explosiva, bancos públicos envoltos em problemas contábeis e com *menor capacidade de conceder crédito*, empresas estatais com prejuízo e endividadas, inflação e juros crescentes, muitas demissões no mercado de trabalho formal, crise também nas finanças estaduais e municipais e uma grande incerteza dentre os agentes econômicos sobre a capacidade do país de sair dessa crise.

O impacto sobre a renda foi tão significativo que é a primeira vez na história que o componente de gasto das famílias no PIB apresentou quatro trimestres consecutivos de queda. Também não foi diferente nos investimentos, que tiveram sete trimestres consecutivos de queda, totalizando **24%** de retração e levando a participação do *investimento sobre o PIB* dos 21% no início de 2014 para 18,2% ao final de 2015, ou seja, o mesmo patamar de 2008. Sem dúvida alguma em apenas um ano a economia brasileira regrediu vários outros anos, e muitas das conquistas sociais começaram a ser perdidas.

Esse cenário negativo só não foi completamente homogêneo devido os bons resultados alcançados pela agropecuária, que encerrou o ano com crescimento de 1,5%. Boa parte dos grãos tiveram aumento de produção e o setor de carnes, fortemente exportador, se aproveitou do bom momento para manter o ritmo de produção. Esse foi o *terceiro ano consecutivo de expansão* no setor, mas também o menor desde então, o que coloca em perspectiva a necessidade de aumento da produtividade para dar prosseguimento nesse avanço. Já o PIB da indústria teve a maior queda da história, de **6,2%**, ultrapassando, inclusive, a retração verificada na crise de



2008-09. Por fim, o setor de serviços teve a primeira queda do Plano Real, e que foi bem intensa, de **-2,7%**.

No caso da indústria, a maior queda dentre as quatro atividades foi verificada na transformação, que tem a maior participação no setor, com **9,8%**. Essa foi, sem dúvida, a maior retração da história para o segmento. A seguir, estão os resultados ruins verificados na construção civil, com queda de **1,4%** no PIB e completando dois anos consecutivos de retração. Como esse é um setor fortemente empregador, trouxe consigo o problema no mercado de trabalho, que se acentuou no final do primeiro semestre de 2015. O terceiro segmento industrial, a produção e distribuição de gás, energia e água, caiu **7,7%**, muito influenciado pela queda de demanda de energia elétrica por conta da menor atividade econômica. Por fim, a indústria extrativa foi o único a ter crescimento, com expansão de 4,8% no PIB. Vale destacar que esse segmento reverteu essa taxa de crescimento ainda no final do ano de 2015, e deve apresentar queda durante o ano de 2016. Um motivo é interno, o acidente em Mariana e o outro é internacional, com a queda da demanda de produtos como minério de ferro e petróleo.

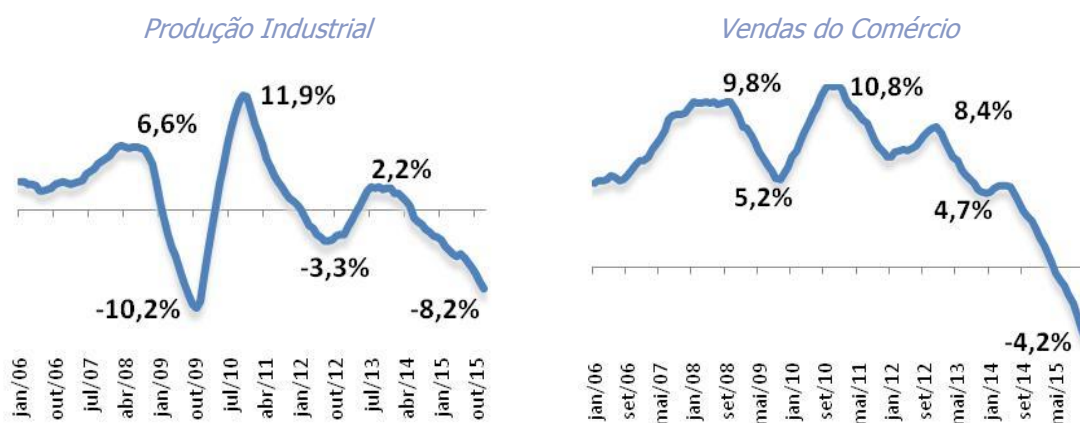
Um indicador conjuntural que pode ser usado como aproximação do PIB no setor industrial, é a *produção industrial*. Como pode ser visto no gráfico, a variação em 12 meses da indústria total, que contempla a soma da indústria de transformação e a extrativa, chegou a **8,2%** ao final de 2015. Tal qual verificado para o agregado da economia e também em outros segmentos, podemos ver que o processo de desaceleração dessas ocorre desde 2010.

Ainda entre 2012 e 2013 era ensaiada uma recuperação cíclica da indústria, mas que logo foi interrompida com as manifestações ocorridas em meados do ano. O aspecto mais negativo do cenário de queda da produção industrial é que a mesma, até o momento, não mostrou esgotamento dos impactos negativos da crise. O cenário para o setor é tão negativo que o ano de 2015 se encerra com o mesmo participando com apenas 11% do PIB da economia. Essa é a *menor participação da história para o setor* desde 1947.

No caso do setor de serviços vale destacar o comércio, que tem peso importante para a composição do PIB. No ano de 2015 o PIB do comércio teve uma queda de **8,8%**, a maior do Plano Real. Essa desaceleração já era evidente ainda no início do ano de 2015 e, além de ser a mais intensa, também se constitui no mais longo processo de retração da história do Brasil ao completar *quatro trimestres consecutivos* de queda.

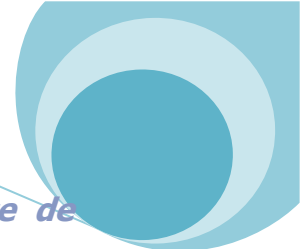
Uma estatística que pode ser usada como aproximação dessa medida são as vendas do comércio varejista. Como pode ser visto no gráfico, essas saíram de uma alta de 10,8% ainda em 2011 para uma retração de **4,2%** ao final de 2015 e, tal como constatado para a indústria, é uma *tendência de desaceleração desde o ano de 2010*. Destaque que a atual retração é mais intensa do que a verificada na crise de 2008-09, quando estivemos diante da maior crise mundial. O que ajuda a explicar essa mudança de perspectiva para o comércio foram os números ruins do mercado de trabalho. Com as demissões e a elevada inflação, a renda real caiu, além disso, o aumento da inadimplência fez com que o crédito fosse reduzido, contribuindo para diminuir o poder de compra dos consumidores e o potencial de consumo.

Variação Percentual em 12 meses



Fonte: IBGE. Comércio Varejista.

O aprofundamento da recessão no Brasil durante o ano de 2015 tem como componente central a perda de confiança dos agentes econômicos, sejam consumidores ou empresários. Um dos indicadores que sintetiza essa menor



confiança dos empresários frente ao cenário atual é o ICEI - **Índice de Confiança do Empresário Industrial**, medido pela CNI para o total da indústria e setores. Como pode ser visto no gráfico, o mesmo tem uma forte tendência de queda que se arrasta desde o início de 2010 e atingiu o menor patamar da história ainda em meados de 2015.

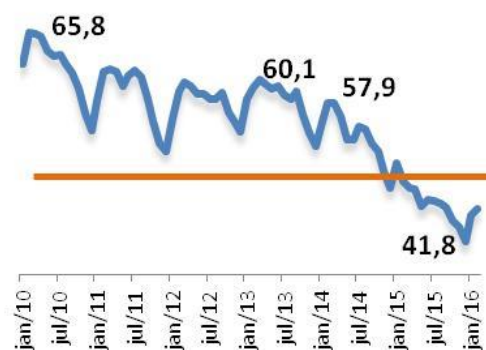
Nesse caso, a linha de valor 50, representada pela cor laranja, separa o nível de confiança entre positivo e negativo. Mesmo raciocínio pode ser visto para a Sondagem Industrial, pesquisa realizada mensalmente e que procura captar o sentimento do empresário em relação a outros indicadores de atividade produtiva e também de perspectivas. Nesse caso, para os resultados apontados para a **expectativa de demanda** é possível notar que a linha divisória dos 50 pontos é rompida entre o final do ano de 2014 e início do ano de 2015. Desde então o indicador sinaliza uma perspectiva negativa para a demanda em linha com o processo de desaceleração da economia e do setor.

Outros resultados da mesma pesquisa também apontaram que o nível de produção é baixo e que os estoques, ainda ao final de 2015, se encontravam acima do planejado. Tal resultado sinalizava que ainda seria necessário mais **alguns meses de retração na produção** para que esses estoques pudessem se ajustar a uma nova realidade.

**Índice de Confiança do
Empresário Industrial**



**Sondagem Industrial –
Expectativa de Demanda**



Fonte: CNI



Em suma, a economia brasileira termina o ano de 2015 com um cenário macroeconômico desafiador. Esse se materializa tanto no que diz respeito a política quanto na gestão econômica. No primeiro caso, diante da *deterioração do quadro de popularidade da presidente* e do partido no poder há 13 anos, a perspectiva de se ver aprovada qualquer reforma estrutural passou a ser mínima. O ambiente para discussão foi prejudicado pelos escândalos de corrupção e reiterado por constantes manifestações contra o Governo. Nesse caso, o país praticamente parou durante o final de 2015 e o primeiro trimestre de 2016, como mostram alguns indicadores já conhecidos até o mês de fevereiro. Diversas projeções dão conta de que teremos, ainda no primeiro trimestre do ano, mais uma queda do PIB.

No caso da gestão econômica, pouco ou quase nada sobrou para que o atual Ministro da Fazenda possa fazer sem apoio político no Congresso e sem margem de manobra fiscal. Mesmo a tentativa de propor uma agenda positiva mínima ficou prejudicada diante da falta de apoio até do partido do Governo, que continuou a *insistir em um modelo econômico* do tipo "dobrar a aposta". Tais medidas, que constam no documento apresentado em 26 de fevereiro sob o título "Programa Nacional de Emergência", tinham como ponto central aumentar a arrecadação e os gastos, e pouca continha daquilo que realmente seria importante para o país trilhar um crescimento de longo prazo que eram as tão demandadas reformas estruturais, que envolvem o sistema tributário, trabalhista e previdenciário.

Nesse sentido, ao Ministério da Fazenda ficou apenas a limitada função de receber e pagar as contas e, mesmo assim, a perspectiva é que devem apresentar mais um ano de déficit primário. No caso da política monetária o cenário é um pouco diferente. Após um ano complicado como o de 2015 quando a inflação se mostrou pressionada durante todo o período, os primeiros meses de 2016 sinalizam um arrefecimento nesse cenário. Boa parte está relacionada com o aprofundamento da recessão, que derrubou a demanda e forçou o ajuste de preços. Mas também conta com o componente da



valorização da taxa de câmbio, na esteira da perspectiva de mudança política, e que acabou contribuindo de maneira positiva para que *a inflação começasse a ceder ainda em fevereiro*. Assim, em 12 meses é possível ver que a trajetória já é de desaceleração, mas ainda com perspectiva de encerrar o ano acima da banda superior do sistema de metas de inflação. De qualquer forma, esse recuo abre espaço para que se tenha, ao final do primeiro semestre de 2016, uma mudança dos juros.

A despeito dessa possível mudança na trajetória dos juros, o fato é que ainda devemos experimentar pelo menos mais cinco a seis meses de continuidade da retração da produção e das vendas do comércio. Além disso, a perspectiva é que *a taxa de desemprego se eleve até meados do ano*, podendo atingir a casa dos 12,5%. Esse cenário traçado para o restante de 2016 é fundamentado em uma inércia na gestão política e econômica. Ou seja, é uma perspectiva traçada apenas com o possível esgotamento dos efeitos negativos da recessão que já dura mais de dois anos. *Os ajustes de estoques do setor industrial* já estão próximo do fim e as pressões salariais são menores, reduzindo os impactos na inflação.

Qualquer modificação no quadro político que resulte em retomada da confiança dos agentes econômicos, ambiente para implementação de ajuste fiscal mais sólido e aprovação de medidas no âmbito do Congresso, podem abreviar esse quadro recessivo. Mas não eliminá-lo.

Assim é que, mesmo diante da aprovação do processo de impeachment na Câmara dos Deputados, ocorrida em abril, o cenário político ainda se mantém problemático. Vale destacar que não será a simples troca de presidente que irá resolver os *problemas econômicos que se desenham para 2016 e os anos vindouros*. Essa pode simplesmente reduzir o chamado prêmio de risco, mas em pouco poderá reverter a perspectiva de uma nova retração do PIB para o ano prevista em **3,6%**.



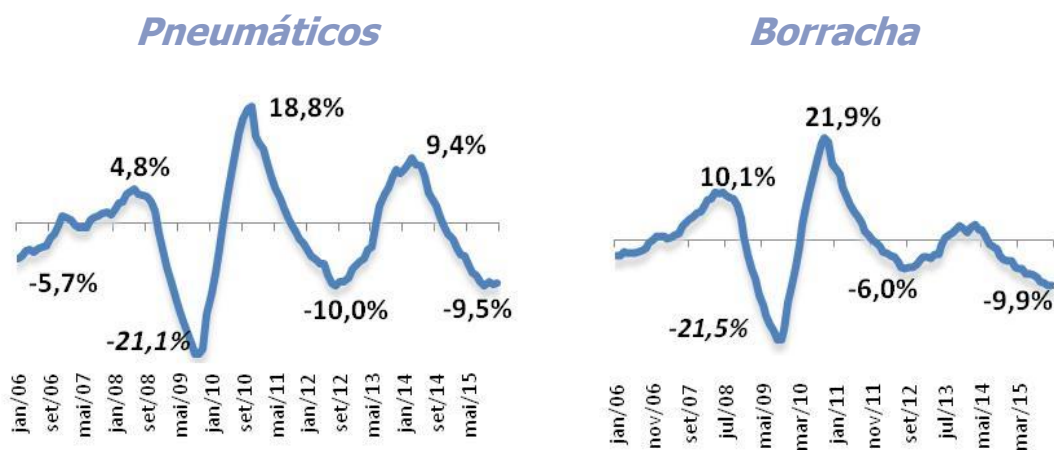
• *O Setor de Borracha no Contexto Nacional*

A recessão econômica no Brasil não poupou os diversos setores industriais. Porém, o que se notou durante o ano de 2015 foi uma heterogeneidade no que diz respeito à magnitude dessa retração. Como salientado anteriormente, o segmento metalmeccânico² foi o que mais sentiu os efeitos da queda da renda, aumento dos preços e juros, redução do crédito e perda de confiança de investidores. Mas esses impactos negativos não ficaram concentrados nesse segmento, e se *espalharam para toda a cadeia produtiva* ligada direta ou indiretamente à produção de automóveis, máquinas e equipamentos e produtos de metal.

No caso da indústria de borracha os impactos negativos foram sentidos tanto na produção e vendas de pneumáticos quanto de artefatos. Os dados de produção industrial do IBGE mostraram uma queda de **9,5%** na produção de pneumáticos em 2015, contribuindo para que todo o setor de borracha tivesse uma retração de quase **10%**. É o segundo ano consecutivo de queda na produção do setor no Brasil

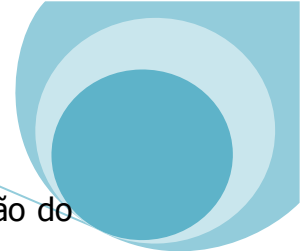
Evolução da Produção Industrial

(var % ac. em 12 meses)



Fonte: IBGE

² Esse contempla os segmentos de metalurgia, produtos de metal, máquinas, equipamentos e materiais elétricos e eletrônicos, produtos de informática e veículos automotores.



Como pode ser visto no gráfico, o movimento de queda da produção do setor no Brasil seguiu-se, no caso da indústria de pneumáticos, uma expansão de 9,4% ainda no final de 2013. Desde então, ligada ao processo de desaceleração em curso no Brasil, o setor entrou em um ciclo recessivo que já dura dois anos.

Boa parte do impacto negativo adveio da forte retração de encomendas ocorrida no setor automotivo. O ajuste de estoques na indústria automobilística e de ônibus e caminhões se processou durante todo ano e ainda teve curso no primeiro trimestre de 2016, o que enseja a continuidade de um *menor nível de demanda para o setor de borracha*. Outro segmento que contribuiu negativamente para esse cenário foi a retração na indústria da construção civil e de máquinas e equipamentos, com impacto direto sobre as encomendas de matéria-prima e artefatos. Mas, apesar dessa tendência de queda, é possível notar que os impactos negativos ocorrem, nesse momento, em menor magnitude, sinalizando para o fim do ciclo de ajuste na produção.

Outro choque negativo importante para o setor no ano de 2015 foi a queda das exportações. No caso de pneumáticos, que é o grupo de produtos com maior valor exportado pelo Brasil, é o *quarto ano consecutivo de queda* nas exportações. No ano atingiu-se US\$ 1,1 bilhão, mesmo diante de uma forte desvalorização média da taxa de câmbio. As exportações de matéria-prima também tiveram a quarta queda consecutiva e atingiu os US\$ 324 milhões, seguido de artefatos, com retração de **8,3%** e valor de US\$ 244 milhões. Vale destacar que o atual nível de exportações do segmento é o menor da década e reflete a perda de competitividade internacional do setor.

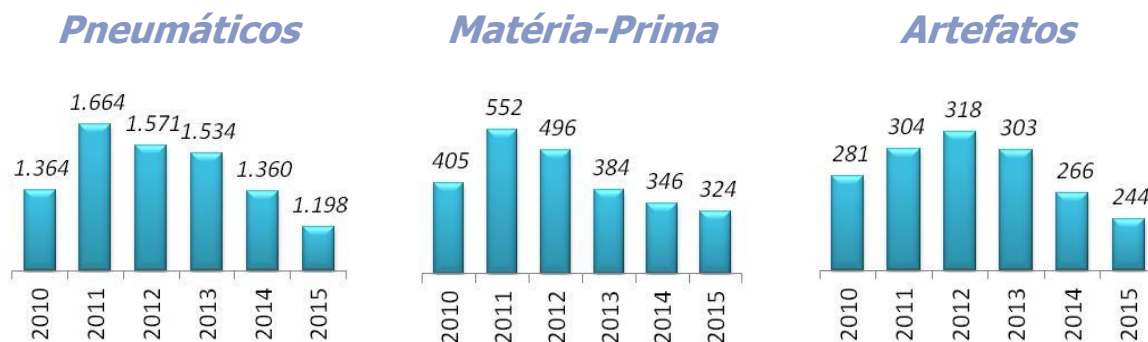
No total, o segmento de borracha exportou, em 2015, US\$ 1,76 bilhão, mesmo patamar alcançado em 2009. Quando medidos esses resultados em reais, aplicando a *taxa média de câmbio respectiva mensal* e trazendo a valor presente pelo IPCA, podemos ver que os resultados se modificam de forma significativa. Nesse caso, entre 2014 e 2015 podemos ver um crescimento de 12% no faturamento das exportações de pneumáticos, o que



representa um acréscimo de R\$ 449 milhões contribuindo para as exportações atingirem os R\$ 4,1 bilhões, o maior patamar da série histórica.

Evolução das Exportações no Setor de Borracha - Brasil

(em US\$ milhões)

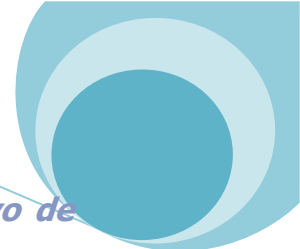


Fonte: SECEX

Esse cenário também é visto no desempenho das exportações de matéria-prima, com expansão de 20% e de artefatos, com expansão de 18%. No primeiro caso o acréscimo de receita de exportações em reais foi da ordem de R\$ 190 milhões. E, para as matérias-primas, de R\$ 131 milhões. No total, o segmento de borracha teve uma **expansão das exportações**, quando medida em reais, de 14% sobre 2014, atingindo os R\$ 6,1 bilhões, maior patamar já registrado.

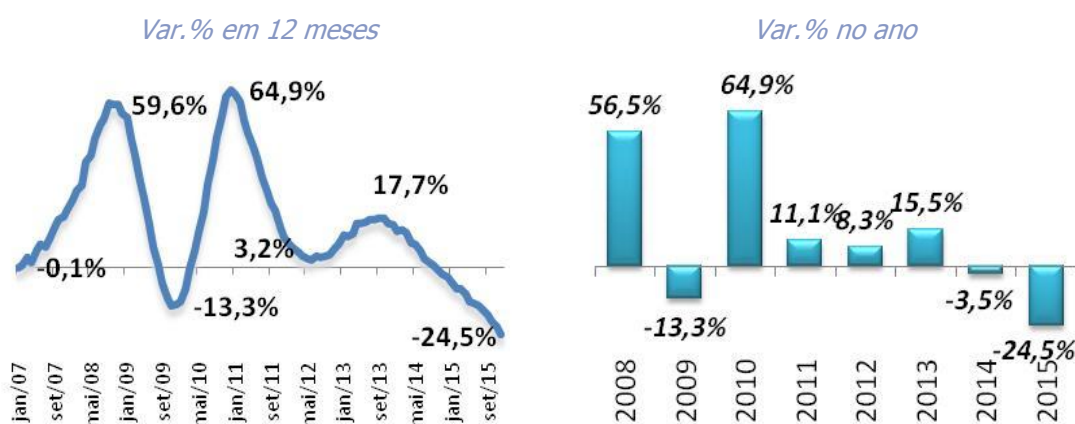
Apesar do bom resultado no faturamento das exportações em reais, o fato é que o mercado interno encolheu. Esse movimento pode ser visto no comportamento do consumo aparente, que teve uma retração de **24%** entre 2014 e 2015. Foi a maior queda já registrada nessa variável na história do setor. Como é sabido, o **consumo aparente** procura refletir a dinâmica do mercado interno ao deduzir da produção interna a parte que foi destinada para as exportações, somando, ao final, a quantidade importada. A abertura dos dados sinaliza que tanto a produção quanto as importações tiveram retrações significativas, ao passo que a quantidade exportada teve ligeiro aumento.

O ponto interessante é que a queda de **10%** na produção foi bem menor do que a queda das importações de **17%**. Isso reflete a forte retração



da demanda interna. Vale destacar que é o *segundo ano consecutivo de retração do consumo aparente* de borracha, interrompendo um ciclo de quatro anos consecutivos de elevação. Ou seja, o mercado brasileiro de borracha está menor. O comportamento do consumo aparente no acumulado em doze meses sinaliza que esse ciclo de queda ainda está longe de ser interrompido, o que corrobora com o fato da baixa produção verificada na parte da cadeia produtiva demandante de borracha no Brasil, como de veículos automotores, máquinas e equipamentos e na construção civil.

Consumo Aparente de Borracha - Brasil



Fonte: IBGE/Funcex. Cálculos próprios.

Tal qual foi verificado para a média dos empresários no Brasil, o índice de confiança do empresário industrial do setor de borracha, medido pela CNI - Confederação Nacional da Indústria, também aponta para os piores resultados em termos de avaliação³. O indicador de *condições atuais*, que procura responder como os empresários avaliam a situação presente, atingiu seu menor patamar da história. No caso do indicador de expectativas, que sinaliza como que o empresário visualiza os próximos seis meses, o nível foi um pouco maior. Ou seja, os empresários avaliaram, durante todo o ano de 2015, que a economia estava em péssimas condições, mas que a perspectiva poderia ser de melhora. Na medida em que essas perspectivas não foram sendo atendidas, o

³ O indicador tem valor mínimo 0 e máximo 100. A linha divisória entre um resultado positivo e negativo é de valor 50.

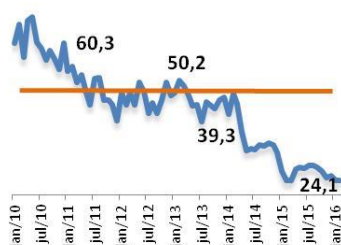


ajuste da avaliação das condições atuais foi sendo cada vez mais revisto para o terreno negativo.

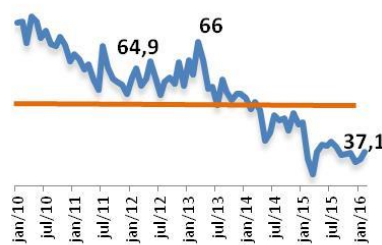
A composição dos dois indicadores forma o que se denomina de índice de confiança. Era de se esperar que essa confiança seguisse o comportamento das avaliações das *condições atuais e das expectativas* e, como pode ser visto no gráfico, durante todo o ano de 2014 e 2015, e ainda no início de 2016, a confiança do empresário industrial no setor de borracha está abaixo do valor 50. O que sinaliza uma grande incerteza com o ambiente macroeconômico.

Confiança do Empresário Industrial do Setor de Borracha

Condições Atuais



Expectativas



Confiança



Fonte: CNI

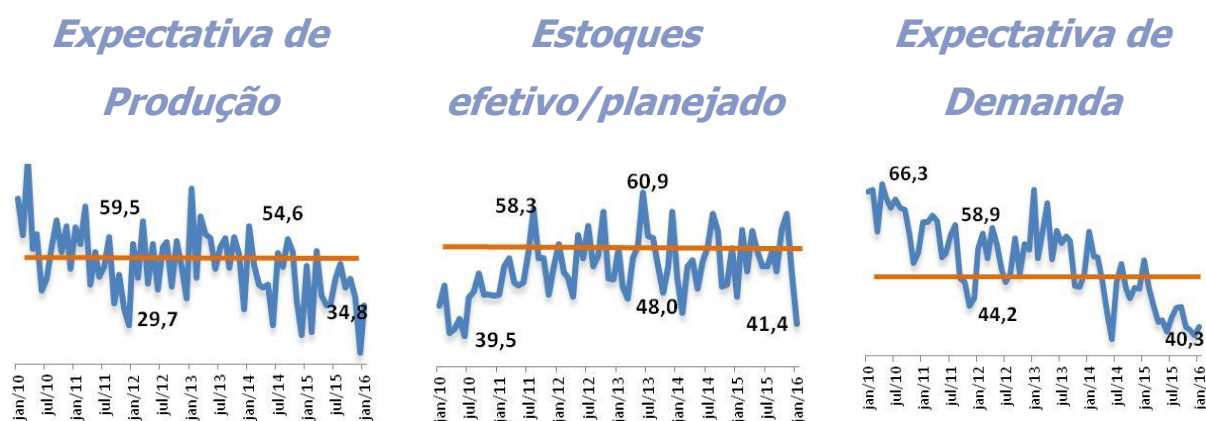
O complemento dessa avaliação pode ser feito com a Sondagem Industrial, também realizada pela CNI mensalmente. Nesse caso, o foco é entender os fatores que afetam o ambiente de negócio dos empresários industriais. Como pode ser visto no conjunto de gráficos a seguir, que traz apenas três informações da pesquisa, o cenário para o setor de borracha, durante o ano de 2015, não foi dos melhores no que diz respeito a *expectativa de produção, nível de estoque e a expectativa de demanda*.

A análise do indicador é feita tal como para o índice de confiança. Valores abaixo de 50 significam resultado negativo, ao passo que acima de 50 é positivo. Sendo assim, sobre a expectativa de produção podemos ver que a pesquisa aponta que o setor permanece, desde o início do ano de 2015, abaixo da linha que divide o sentimento entre positivo e negativo. Outro ponto



interessante diz respeito ao nível de estoque no setor. Os empresários apontam que esse permanece ainda acima do planejado, com destaque para a forte retração do indicador nos últimos meses. Um nível de estoque elevado deixa antever futuras quedas na produção. Por fim, relativamente a **expectativa de demanda** podemos ver que essa permanece negativa desde o início do ano, e atingiu o menor patamar da história para o setor de borracha.

Sondagem do Empresário Industrial do Setor de Borracha



Fonte: CNI

Em suma, o cenário econômico apontado pelos indicadores referentes ao setor de borracha no cenário nacional deixa claras as dificuldades que foram enfrentadas durante o ano de 2015 e que ainda não se esgotaram. Tanto o faturamento, quanto a produção e demais indicadores referentes ao emprego e renda **caminham na mesma direção que o cenário macroeconômico**. Em uma perspectiva para o curto prazo os empresários do setor apontam para a continuidade desse cenário, com os níveis de expectativa bem baixos, seja relativamente a produção ou a demanda.

A despeito de corriqueiras afirmações de que a crise brasileira teria origem na crise internacional, o fato é que o mundo cresceu, em 2015, 3,6% e com perspectiva de ter uma expansão de 3,5% em 2016. Ou seja, fica claro que **a atual crise tem origem no Brasil** e pouco influenciada por um consequente ciclo de commodities com preço menores ou qualquer outro efeito defasado da crise de 2008-2009.



No que diz respeito ao cenário nacional, a comparação com as projeções feitas no último balanço apontam para a piora em relação ao que se esperava. A desaceleração econômica foi mais intensa que o imaginado e atingiu todos os setores da economia. A retração do mercado de trabalho também foi significativa e atualmente há quase 11 milhões de desempregados, contribuindo, junto com a inflação mais elevada, para a queda da renda real.

A inadimplência e a conseqüente retração no crédito também surpreenderam de forma negativa, bem como os resultados fiscais apontados pelo Governo Federal, com déficit primário recorde e que ainda devem perdurar. Além dos problemas econômicos, a piora no ambiente político se intensificou, a ponto de culminar com o início do processo de impeachment da presidente, mas ainda sem definição⁴. Esses componentes em conjunto ajudam a explicar boa parte do cenário econômico que se encerrou em 2015 e que delinea o início de 2016 e deve perdurar para os próximos meses.

⁴ Até o momento da elaboração desse relatório o processo de impeachment estava no Senado. Sendo assim, não é possível afirmar que o mesmo seja concluído, mesmo diante das projeções de maioria pró impeachment.



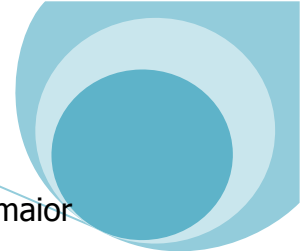
O RIO GRANDE DO SUL EM 2015

O desempenho da economia do Rio Grande do Sul no ano de 2015 foi muito afetado pelo cenário negativo no ambiente nacional. Em destaque a retração da demanda agregada, tanto de consumidores quanto de investimento e que gerou impactos negativos sobre a atividade produtiva, as vendas do comércio e a dinâmica fiscal. Além disso, o Estado sofreu com as ***dificuldades econômicas*** do segundo maior parceiro comercial, a Argentina que, ainda em 2015, não havia conseguido se livrar dos riscos políticos da eleição presidencial. E, por fim, há que salientar os impactos negativos oriundos das dificuldades financeiras enfrentadas pelo Governo do Estado com as restrições fiscais, o que limitou sobremaneira qualquer possível movimento no sentido de dirimir os impactos negativos da crise política e econômica com origem no ambiente nacional.

Cada uma dessas três diferentes fontes teve atuação negativa sobre o desempenho da economia gaúcha em 2015. No caso do cenário nacional, a desaceleração da produção na indústria ocorreu de forma intensa e disseminada principalmente no complexo metalmeccânico, com destaque para a indústria de automóveis. Na medida em que a retração da demanda impôs a necessidade de ajuste de estoques, verificou-se um forte impacto em toda a cadeia produtiva, ***atingindo fornecedores*** de aço, borracha, plástico, partes e peças para veículos automotores. Dois outros setores também experimentaram uma forte retração em 2015 e atingiram a cadeia produtiva, a construção civil e a indústria de máquinas e equipamentos.

Dada a posição de destaque da indústria metalmeccânica gaúcha nessa indústria nacional e também para a composição da matriz industrial do estado, seja na produção de veículos ou como ***fornecedora de insumos***, os impactos no segmento eram inevitáveis. Nesse sentido, vale ressaltar a forte queda ocorrida tanto na indústria de ônibus quanto na de caminhões e reboques.

Além disso, a continuidade da deterioração do ambiente macroeconômico ao longo do ano aumentou a incerteza com os rumos da



economia, como salientado na seção sobre o cenário nacional. Com essa maior incerteza, os empresários *retraíram investimentos* impactando diretamente a indústria de máquinas e equipamentos, segmento muito importante para a formação do PIB do setor no Rio Grande do Sul. Além disso, como forma de conter o avanço dos preços, o Banco Central promoveu uma série de ajustes na taxa de juros, encarecendo ainda mais os investimentos em um momento onde os principais bancos públicos já se encontravam com fraca capacidade de empréstimo.

No setor de serviços, que possui o maior peso no PIB do Rio Grande do Sul, os resultados negativos tiveram como destaque a retração da atividade no comércio. A desaceleração que se iniciou tímida ainda no início de 2015 se tornou mais intensa ao longo do ano *segundo a perda de postos de trabalhos* e de renda real verificada dentre os consumidores e a menor dinâmica no mercado de crédito. Esse resultado em pouco se difere do verificado no ambiente nacional, onde também foi possível verificar uma queda da atividade nesse segmento. Com isso, o ano terminou, para o comércio no Estado com a maior retração⁵ da série histórica, **-10,3%**.

Apesar de outras atividades do setor de serviços também apresentarem desaceleração, terminaram o ano em terreno positivo, como é o caso dos serviços financeiros, serviços de informação, serviços imobiliários e demais serviços. Por fim, *a atividade pública no Estado teve ligeira retração*, muito afetada pela queda de arrecadação de impostos e a resultante crise fiscal, que se arrasta há mais de quatro décadas.

Esse é o segundo elemento importante no cenário negativo de 2015 para o Rio Grande do Sul. Com as dificuldades financeiras já contratadas desde o final do ano de 2014, e potencializadas com o aumento de gastos projetado ainda no final daquele ano, o Setor Público se viu limitado em ações para promover um colchão que pudesse amortecer os *impactos negativos da*

⁵ Essa análise é feita com base na nova série do PIB divulgada pela FEE e que tem informações, até o momento da elaboração desse relatório, desde 2010. Isso ocorre pois a instituição reviu a metodologia de cálculo do PIB com base nas propostas do IBGE.

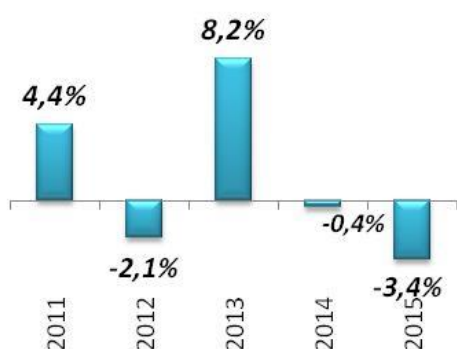


crise comprada do cenário nacional. Com poucos recursos em caixa para fazer frente inclusive para o pagamento de salários, não havia espaço orçamentário para promover investimentos, sejam esses já contratados ou então relacionados a projetos novos.

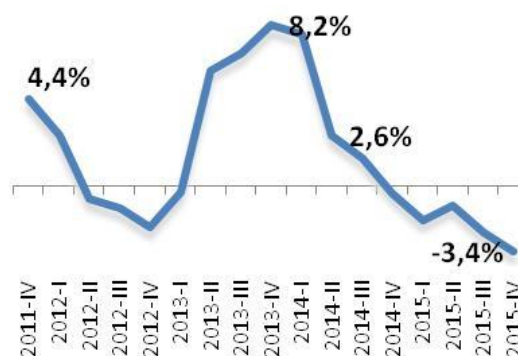
Assim, no total, o PIB do Estado teve uma queda de **3,4%** em 2015 e se configurou como a maior da série histórica. Vale destacar que esse resultado só não foi mais significativo devido o desempenho positivo na agropecuária, com expansão de 13,6%, o maior desde 2013, quando a economia do Estado se recuperava dos impactos negativos da seca de 2012. De qualquer forma, é importante ressaltar que o ganho dado por esse setor para a economia tem sido cada vez mais limitado, e novas expansões na produção só devem se concretizar via ganhos de produtividade.

Evolução do PIB do Rio Grande do Sul

(var % ac. no ano)



(var % ac. em 12 meses)



Fonte: IBGE/FEE

O destaque na produção agrícola, em especial em grãos, foi a soja, que teve expansão de 20% sobre a safra de 2014/15. Já o Arroz, segundo produto mais importante para a **produção de grãos**, teve expansão menor, de apenas 5,3%. Por outro lado, a retração de 16% na produção de trigo limitou um avanço maior no PIB do setor em 2015.

O terceiro fator de impacto negativo em 2015 teve origem no setor externo. As exportações gaúchas caíram, em termos de valores, **6%** sobre



2014, com destaque para as exportações industriais, que tiveram uma queda de **8,9%**. Boa parte desse resultado foi influenciada pela crise econômica que atingiu o segundo mais importante parceiro comercial do Estado, a Argentina, com queda de 5,5% nas exportações para aquele país. Também é possível ver uma queda das exportações para o terceiro mais importante parceiro comercial, os Estados Unidos, com uma retração de **12,8%**. No total, as exportações do Estado tiveram uma queda de **6,6%** em 2015, representando uma retração de US\$ 1,1 bilhão sobre o valor de 2014.

Esse resultado contrasta com o aumento de 17% no volume exportado, muito influenciado pela expansão das exportações de produtos da agropecuária, que cresceram 40% em termos de volume⁶. Sendo assim, podemos ver que *tivemos mais exportações* em termos de quantidade, mas com menor retorno para o exportador.

A tabela a seguir traz um resumo comparativo entre os resultados do PIB para o Brasil e Rio Grande do Sul no ano de 2015 por grandes setores. Como pode ser visto, as duas maiores diferenças de performance estiveram concentradas na agropecuária e na indústria. No primeiro caso o cenário nacional teve resultado bem inferior ao regional, enquanto que, no segundo, podemos ver a *perda de dinâmica da indústria*, cujo resultado negativo foi quase o dobro da média nacional. No total, o PIB do Estado teve uma retração menor que a nacional por conta da contribuição positiva da agropecuária gaúcha.

Um ponto a destacar é a forte retração dos impostos, tanto para Brasil quanto para o Rio Grande do Sul. Especificamente para o Estado esse resultado acabou tornando o cenário das finanças públicas mais complicadas de administrar do que se desenhava no início do ano. Vale destacar que *essa retração dos impostos* ligados a produção tem relação direta com a menor produção e consumo de mercadorias, que resultaram em menor circulação de produtos e que também atingiu as demais administrações públicas municipais via transferência de tributos. Assim é que, como forma de conter parte das

⁶ Dados do sistema de exportações/FEE.



perdas de arrecadação e traçar um equilíbrio de curto prazo para o orçamento, o Governo do Estado aprovou, ainda no final de 2015, o aumento de alíquotas de itens importantes para a arrecadação total, ligados principalmente a energia e combustíveis.

PIB Brasil e Rio Grande do Sul

(Var. % no ano de 2015)

| | Brasil | RS |
|--------------|---------------|--------------|
| Agropecuária | 1,8% | 13,6% |
| Indústria | -6,2% | -11,1% |
| Serviços | -2,7% | -2,1% |
| VAB | -3,3% | -2,7% |
| impostos | -7,3% | -8,0% |
| PIB | -3,8% | -3,4% |

Fonte: IBGE e FEE

Esse cenário recessivo que se abateu sobre o Estado do Rio Grande do Sul no ano de 2015 não deve ser visto de forma isolada. A crise não é local, ela é nacional, com origem na **perda de confiança dos agentes sobre a política** e a forma que a economia tem sido conduzida. Mas acaba por afetar todas as economias locais, de forma diferente, é claro, devido a composição da riqueza em cada Estado.

Como assinala a tabela a seguir, a queda do PIB foi generalizada entre os diversos Estados da Federação⁷. Para aqueles que **contabilizam as contas regionais**, podemos ver que a retração do PIB vai de um máximo de 4,9%, para o caso de Minas Gerais, até -1,1% como no Espírito Santo. No caso de Minas Gerais há o forte impacto da retração da produção extrativa mineral e da construção civil. A retração em São Paulo, o Estado mais rico da Federação, foi bem significativa, e ajuda a compreender o quanto a crise esteve concentrada no setor industrial.

⁷ Essa informação é fornecida para aqueles Estados onde é possível identificar o cálculo do PIB.



PIB dos Estados Brasileiros

(Var. % no ano de 2015)

| | PIB |
|-------------------|------------|
| Minas Gerais | -4,9% |
| São Paulo | -4,1% |
| Ceará | -3,5% |
| Rio Grande do Sul | -3,4% |
| Bahia | -3,2% |
| Paraná | -2,8% |
| Goiás | -2,6% |
| Rio de Janeiro | -2,0% |
| Espírito Santo | -1,1% |

Fonte: IBGE e FEE

Anteriormente comentamos sobre a retração no PIB industrial e também no comércio do Rio Grande do Sul. Outra forma de olhar esse resultado é via produção industrial e as vendas do comércio varejista, dois indicadores monitorados pelo IBGE. O conjunto de gráficos a seguir ilustra o **comportamento dessas duas variáveis**. No caso da indústria total, dois pontos chamam a atenção. O primeiro é a forte oscilação no indicador, um sinal claro da inconstância da produção do setor no Estado. Essa é uma característica ruim, pois prejudica a previsibilidade por parte dos empresários e torna o ciclo de crescimento muito volátil. O segundo ponto é a intensa queda no indicador nos últimos meses, saindo de uma expansão de 8,1% em 12 meses para uma queda histórica de **11,8%** terminados em dezembro de 2015. Com certeza esse é o pior momento para a indústria gaúcha na história, e está muito relacionado ao comportamento do cenário econômico nacional.

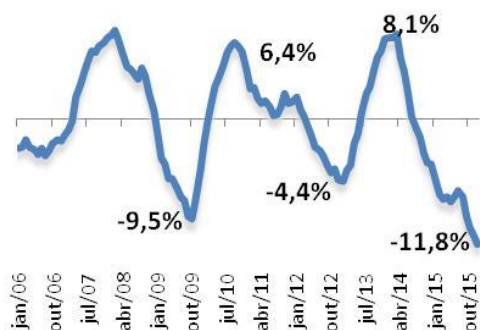
Mesmo cenário podemos ver para a dinâmica das vendas do comércio varejista, mas com menor oscilação. Além disso, o processo de desaceleração do setor foi menos intenso que o verificado para a indústria, mas não menos significativo quando comparado com o seu desempenho histórico. Ou seja, esse é o **pior resultado para as vendas do comércio** da história do Rio Grande



do Sul e reflete um cenário de perda de empregos, queda da renda real e retração do crédito.

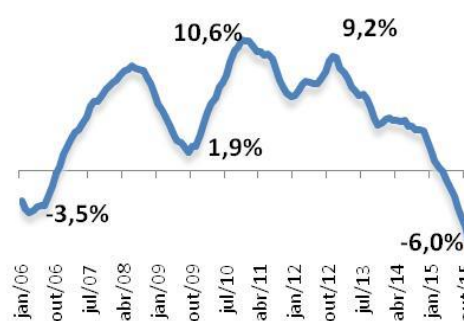
Produção Industrial

(var % ac. em 12 meses)



Vendas do Comércio

(var % ac. em 12 meses)



Fonte: IBGE

O que mais preocupa nessa avaliação conjuntural é a sinalização de que esse cenário negativo não deve se modificar no médio prazo, ou seja, em 2016. Na análise cíclica ainda não identificamos um possível *turning point*, tanto para o setor industrial quanto para o comércio. Além disso, com **a perspectiva de continuidade** do cenário recessivo para o Brasil durante o ano de 2016, é natural esperar que a economia gaúcha apresente comportamento semelhante.

Um dos fatores que corroboram com essa perspectiva é a elevada ociosidade da indústria, que oscila entre 22% e 25% para o agregado. A utilização da capacidade instalada é uma das menores para a série histórica. Mas há segmentos como o têxtil e vestuário e acessórios que estão trabalhando com 40% de ociosidade. Outros quatro segmentos **apresentam ociosidade menor**, como é o caso de Alimentos, Couro e Calçado, Máquinas equipamentos e materiais elétricos com 15% e móveis com 17%.

Os empresários captam esse movimento negativo na atividade econômica e o mesmo pode ser medido a partir da **expectativa dos empresários para os próximos seis meses** que ainda é negativa, apesar de ser melhor quando apontada por aqueles que exportam. Tal sentimento também é captado pelos indicadores de confiança, que continuam bem abaixo



da linha divisória de 50, sinalizando pessimismo. Nesse caso, a conjugação de um faturamento baixo, ociosidade elevada e baixa confiança para os próximos meses, suportam a perspectiva de um ano ainda difícil para o setor no Rio Grande do Sul. Um dos poucos *fatores positivos* que podem contribuir para reverter parte desse quadro é a retomada da atividade econômica na Argentina em linha com a mudança de política econômica com o novo Governo que tem como norte a abertura do mercado e disciplina fiscal. Mesmo assim, essa contribuição deve ter, na margem, poucos efeitos sobre o setor no Estado, que sofre com a perda de competitividade internacional em um ambiente de infraestrutura deficitária, elevada burocracia aduaneira, alta carga tributária e um sistema trabalhista que limita o avanço da economia.

Do lado da demanda, ainda são esperados novos impactos negativos por conta da *inflação ainda elevada*, que deve reduzir o poder aquisitivo, do aumento da taxa de desemprego e das restrições de crédito. Em conjunto, esses fatores devem limitar uma possível expansão do comércio para 2016, que deve seguir apresentando resultado negativo.

Nesse cenário traçado podemos esperar uma *contribuição positiva apenas da agropecuária*. Os últimos resultados da safra 2015/16 sinalizam uma ligeira expansão da produção de soja em 4,8%. Tal resultado deve ajudar a conter, novamente, a queda do PIB. Mas, como salientado anteriormente, essa contribuição é bem menor do que foi no passado.

Em suma, as perspectivas para o desempenho da economia do Rio Grande do Sul no ano de 2016 devem ficar em torno do projetado para o Brasil. Atualmente, ainda considerando as dificuldades políticas no campo nacional e com o imobilismo das políticas macroeconômicas, as projeções apontam para uma retração do PIB nacional em torno de **-3,6%**. No caso do Rio Grande do Sul, considerando o esgotamento da queda da produção industrial, da contribuição positiva da agropecuária e dos impactos positivos da recuperação econômica da Argentina sobre as exportações gaúchas, é natural imaginar que o PIB do Estado tenha resultado ligeiramente melhor que o nacional, ficando em torno de uma queda de **-3%**.



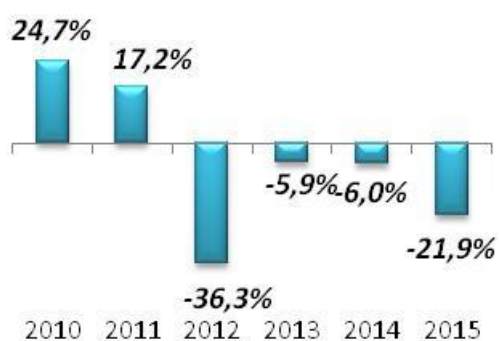
• O Setor de Borracha no Rio Grande do Sul

O cenário recessivo que atingiu o setor no Brasil também esteve presente no Rio Grande do Sul, mas em magnitude distinta. Os dados de faturamento, por exemplo, sinalizaram um ligeiro aumento no ano de 2015 para o setor de borracha gaúcho, 2,1%. Esse resultado *contrasta o verificado para o cenário nacional*, com a indústria do setor tendo uma queda de **12%** no faturamento para o mesmo período⁸. O resultado para o setor no Estado também contrasta com o verificado na média da indústria gaúcha que teve uma retração de **12,4%** no faturamento.

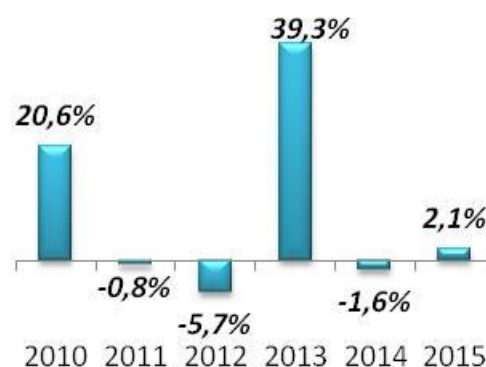
Indicadores Industriais do Setor de Borracha

(var % ac. jan-dez)

Compras Industriais



Faturamento Real



Fonte: FIERGS

O resultado positivo no faturamento não foi suficiente para evitar números ruins no mercado de trabalho no setor no ano de 2015. As horas trabalhadas tiveram uma ligeira retração de **2%**, como forma de ajustar a produção a um novo cenário. Ao passo que o total de pessoal empregado caiu **-0,9%**. Apesar disso, ao olharmos como foi o comportamento das estatísticas

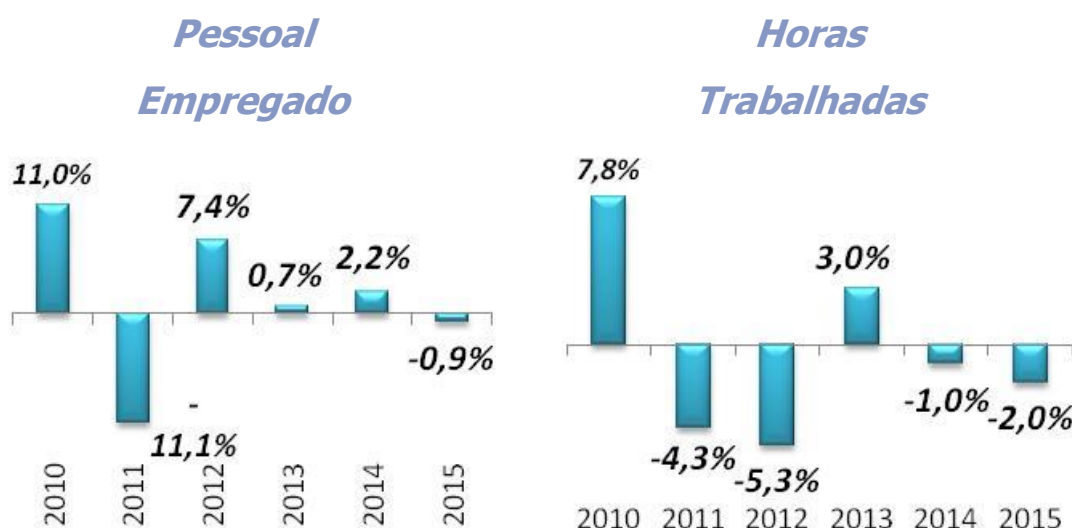
⁸ Aqui temos um problema importante nessa comparação e que merece cuidado na interpretação. A fonte de dados do setor de borracha da FIERGS, que representa o comportamento do setor no estado, traz apenas o setor de borracha no número índice. Por outro lado, na série da CNI, que mostra o resultado para Brasil, está presente tanto o setor de borracha quanto de plástico.

para esses indicadores na média do Brasil podemos ver que aqui também *há uma significativa diferença*. Por exemplo, as horas trabalhadas no segmento de borracha e plástico caíram **16%** no Brasil e o emprego **6,1%**. Sem dúvida alguma são números bem piores que o verificado no Rio Grande do Sul.

Em comparação ao desempenho verificado para a média da indústria gaúcha também podemos dizer que os resultados para o emprego e horas trabalhadas foram *mais amenos no segmento de borracha*. No caso das horas trabalhadas a queda foi de **9,3%** na média da indústria gaúcha em 2015 e o emprego teve uma retração de **6,6%**.

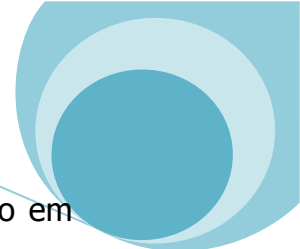
Indicadores Industriais do Setor de Borracha

(var % ac. jan-dez)



Fonte: FIERGS

A diferença de performance entre o setor de borracha no Rio Grande do Sul e a média da indústria também é nítida ao analisar o grau médio de *utilização da capacidade instalada*, tal como mostrado nos gráficos a seguir. No segmento de borracha, por mais que o faturamento tenha se mantido relativamente estável sobre 2014, o fato é que o nível médio de utilização da capacidade instalada se mantém em 80%, cerca de 10 pontos percentuais abaixo da média que era verificada até 2007. No caso da média da

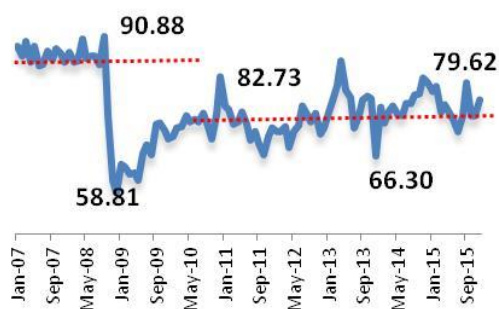


indústria é possível ver que a atual crise está colocando esse nível médio em um novo patamar mais baixo, oscilando em torno de 77%. Esse seria a segunda retração desde 2007, quando a média da indústria se situava em 87% e depois, no pós crise, se estabilizou em 84%.

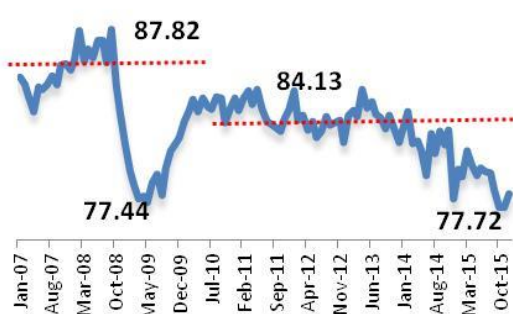
Utilização da Capacidade Instalada

(Grau médio)

Setor de Borracha



Total da Indústria



Fonte: FIERGS. Ajustados sazonalmente X-12.

O último conjunto de indicadores de desempenho regional está ligado ao **setor externo**. Tal como foi verificado para a média do Brasil, as exportações do segmento de borracha também se retraíram entre 2014 e 2015. No caso dos pneumáticos a queda foi de **12%** colocando essas em US\$ 190 milhões. Esse foi o terceiro ano consecutivo de retração nas exportações desse segmento.

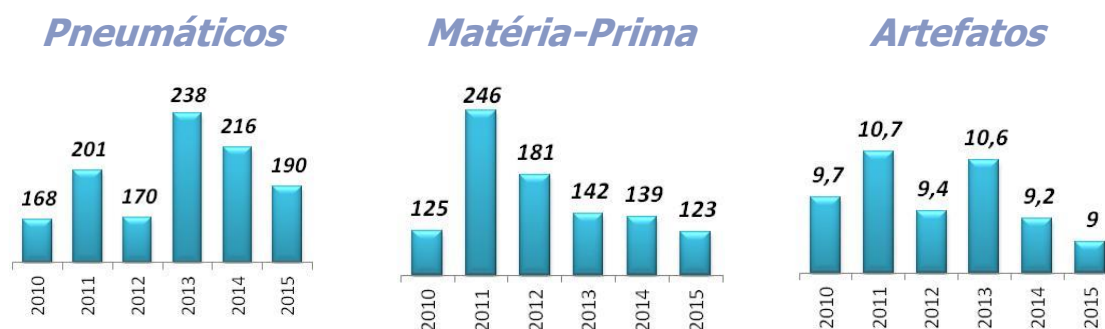
O segundo mais importante em termos de exportações para o setor de borracha é matéria-prima. Como pode ser visto no gráfico, é o quarto ano consecutivo de retração e o **valor exportado se igualou ao verificado em 2010**. Ou seja, as sucessivas crises que atingiram o setor fizeram com que essas exportações voltassem cinco anos em termos de valores. Por fim, temos as exportações de artefatos de borracha, com queda de **5,8%**. Tal resultado fez com que o valor exportado fosse o menor desde 2009. No total, o setor de borracha teve exportações de US\$ 322 milhões, o que equivale a uma retração de **11,5%** sobre 2014.

Esses resultados negativos acabam se tornando positivos quando convertemos pela taxa de câmbio média e trazemos a valor presente pelo IPCA. Assim, as exportações de pneumáticos passam a ter um crescimento de 13,7% sobre 2014 acrescentando R\$ 81 milhões ao faturamento da indústria com exportações. No caso da matéria-prima *a receita em reais* cresceu R\$ 58 milhões, ou o equivalente a 15%. Por fim, em artefatos, a expansão sobre 2014 foi de 21%, resultando em um adicional de R\$ 5 milhões.

No total, as exportações de borracha atingiram R\$ 1,1 bilhão, um crescimento de 14,5% sobre 2014 e se tornando o melhor resultado da história quando medido em reais. Vale destacar que o grande efeito positivo sobre essas exportações foi a *desvalorização da taxa de câmbio*, que passou de R\$/US\$ 2,6 em janeiro de 2015 para R\$/US\$ 3,8 em dezembro do mesmo ano.

Evolução das Exportações do Setor de Borracha

(em US\$ milhões)



Fonte: SECEX

O ano de 2015 para o segmento de borracha no Rio Grande do Sul não foi dos melhores, apesar do leve crescimento do faturamento. O fato é que o segmento *encontrou dificuldades no mercado internacional*, que não conseguiu suprir a queda da demanda no mercado interno. O contraponto foi a desvalorização da taxa de câmbio que acabou ajudando o segmento no estado, mais voltado para as exportações que a média do Brasil, a amenizar os efeitos da crise.



PERSPECTIVAS 2016

Ao traçar um cenário prospectivo para o Brasil no ano de 2016 é muito importante considerar que boa parte da crise passada ainda ***deve produzir efeitos durante o ano***. Assim é que, independentemente do resultado político que se tenha no desenrolar do processo de votação do impeachment, o fato é que a recessão econômica para esse ano já está contratada.

Os primeiros números de 2016 dão conta de que devemos ter ao ser encerrado o trimestre, mais uma retração sobre o trimestre imediatamente anterior, completando cinco trimestres consecutivos de queda. Isso nunca aconteceu na história econômica nacional. É, sem dúvida, ***a maior recessão já registrada no Brasil***.

Há diversos desafios para os próximos meses, sendo o mais importante deles o reequilíbrio das contas fiscais no ambiente federal. Esse deve ser atacado com ajustes estruturais importantes no lado da despesa. Porém o déficit fiscal contratado para o restante do ano nas contas federais é tão significativo que apenas ações nesse campo não devem resultar em equilíbrio ainda em 2016. ***Serão necessários pelo menos uma década de ajuste fiscal*** para colocar as contas públicas em ordem novamente e delinear o cenário de trajetória constante para a dívida pública como percentual do PIB.

Nesse processo há reformas importantes que devem ser implementadas e que ultrapassam a simples mudança de legislação na área previdenciária, trabalhista ou tributária. É importante que se promova um ***forte ajuste do tamanho do Estado na economia***, reduzindo sua presença em áreas que não são importantes, como em empresas estatais e gastos com subsídios de juros.

Esses não são elementos que possam produzir resultados de curto prazo, mas a sinalização nessa direção contribui para reduzir o ***prêmio de risco*** hoje existente em relação ao potencial de crescimento da economia. Com isso, podemos captar ganhos com a estabilidade da taxa de câmbio, consequente



impacto sobre a inflação e redução de juros, abrindo espaço para uma leve e consistente retomada da produção.

Como esse cenário não está presente na agenda do atual Governo, essa perspectiva só se concretiza com mudança política ou de visão de gestão econômica. Mas isso seria para o médio e longo prazo. As previsões para o ano de 2016 em pouco dependem dessas ações, isso porque *a crise para 2016 está praticamente contratada*, na medida em que já avançamos quatro meses no ano e os impactos de mudança da política econômica demoram entre seis e doze meses para produzirem impactos.

Sendo assim, mantemos nossa visão de que o PIB pode ter uma retração da ordem de **3,6%** em 2016, com mais um ano de *retração na produção industrial e vendas no comércio*. No mercado de trabalho a crise deve promover contínuos aumentos da taxa de desemprego e a inflação ainda pressionada deve continuar a promover o ajuste na renda real.

No *Rio Grande do Sul*, como parte da federação, não é difícil imaginar que seguiremos a média de desempenho da economia nacional. Os pontos de destaque sobre um cenário prospectivo diferente estariam relacionados a questões específicas, mas que em pouco tem poder de gerar uma trajetória diferente.

No caso da *agropecuária* a expectativa é que se tenha mais um ano de contribuição positiva para o PIB, mas em menor magnitude do que foi experimentado no ano de 2015. Isso porque a quase totalidade da produção do principal produto do setor, a soja, sinaliza que ocorreu uma ligeira expansão na produção.

Na *indústria*, diante da retração dos investimentos e da atividade produtiva no cenário nacional, é natural esperar que o ciclo de queda da produção com ajuste de estoque ainda ocorra durante o ano, mas em menor magnitude do que foi verificado no ano passado. Assim é que devemos ter mais um resultado negativo para o setor, em especial no segmento metalmeccânico, mas com valores menos significativos. A expectativa é que a recuperação



econômica da Argentina, o segundo mais importante parceiro comercial do Rio Grande do Sul, possa representar ganhos em termos de quantidade produzida, mas com impactos limitados sobre o total da economia.

No *setor de serviços* devemos ter continuidade no ajuste para baixo da atividade. Esse é um setor muito relacionado ao comportamento da renda e das condições de crédito que, em uma perspectiva de curto prazo, devem seguir com trajetória de ajuste para baixo. Além disso, as dificuldades fiscais que devem continuar nas contas públicas estaduais e municipais irão contribuir para uma menor dinâmica do PIB do setor público.

No total a expectativa é que o PIB do Rio Grande do Sul tenha queda, em 2016, da ordem de 3%, em linha com a perspectiva para o Brasil, mas menos intenso devido aos impactos positivos da agropecuária e do segmento exportador.

Perspectivas para 2016

(Indústria da Borracha do Rio Grande do Sul)

| | 2014 | 2015 | 2016 |
|----------------------------|--------------|---------------|--------------|
| Var.% | | | |
| Pessoal Empregado | 2.2% | -0.9% | -2.0% |
| Horas Trabalhadas | -1.0% | -2.0% | -5.0% |
| Faturamento | -1.6% | 2.1% | 1.0% |
| Compras | -6.0% | -21.9% | -12.0% |
| Exportações (US\$ milhões) | | | |
| Pneumáticos | 216.0 | 190.1 | 200.0 |
| Matéria-Prima | 139.0 | 123.5 | 133.0 |
| Artefatos | 9.2 | 8.7 | 9.1 |
| Total | 364.3 | 322.3 | 342.1 |
| Exportações (var.%) | | | |
| Pneumáticos | -9% | -12% | 5% |
| Matéria-Prima | -2% | -11% | 8% |
| Artefatos | -12% | -6% | 5% |
| Total | -6.9% | -11.5% | 6.1% |